

MMA e Educação Física Escolar: a luta vai começar

*Daniel Giordani Vasques**

*José Arlen Beltrão***

Resumo: O MMA - fruto de uma histórica tensão entre a busca pelo mais forte e a tolerância à violência socialmente aceita - tem se tornado extremamente popular no Brasil, sendo alvo de debates também entre crianças e adolescentes. Aparenta ser uma manifestação cultural relevante para a Educação Física escolar e que, inclusive, pode ocupar o lugar (pouco ocupado) das lutas tradicionais na Educação Física. Contudo, violência nas lutas, formação precária dos professores e rejeição da comunidade podem afastar dos alunos o conhecimento científico sobre essa modalidade. Assim, discutimos o MMA enquanto manifestação sociocultural e seu tensionamento com a Educação Física escolar.

Palavras-chave: MMA. Luta. Esporte. Educação Física escolar.

1 APROXIMANDO-SE DO OCTÓGONO

As lutas de artes marciais mistas (MMA) vêm sendo regularmente transmitidas na TV aberta brasileira desde meados de 2011, alcançando milhões de telespectadores no país. Desde então, têm feito regularmente parte da programação de uma das principais emissoras do país. Além das lutas, essa emissora produz e transmite um *reality show*, em que os lutadores são confinados em uma casa e lutam entre si para que os vencedores ganhem contratos profissionais; exhibe frequentemente reportagens e programas dedicados à compreensão do MMA e à vida dos atletas como atores do espetáculo; e já incluiu um personagem lutador de MMA em uma novela, com a clara intenção de popularizar essa luta.

*Professor do Colégio São José, Caxias do Sul, RS. E-mail: dgvasques@hotmail.com

**Professor do CFP, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Amargosa, BA. E-mail: arleneducacaofisica@hotmail.com

Antes da popularização dessa luta, em 1993 o carateca Gerard Gordeau entrou em uma gaiola octogonal para lutar em um combate sem regras, denominado *ultimate fight*, contra o atleta de sumô Teila Tuli, 80 quilos mais pesado que ele. Ao iniciar a luta, Tuli tentou prender Gordeau, que correu e conseguiu desferir um chute no seu rosto. Um dente voou para fora da gaiola e outros dois ficaram presos no pé de Gordeau; o sangue apareceu no seu rosto. Gordeau tentava ir para cima de Tuli quando o juiz parou a luta, que tinha durado apenas 26 segundos. O ginásio estava eufórico: vozes gritavam, comentaristas de TV começavam suas análises, a câmera se aproximava do rosto de Tuli ou tentava imagens do vencedor. Nos Estados Unidos, 80 mil lares tinham assistido à luta por meio de seus canais pagos de TV. Na mesma noite, o público viu Gordeau ganhar a luta seguinte com uma mão quebrada e uma lesão no pé, e perder a final para o lutador brasileiro de *jiu-jitsu* Royce Gracie, que ganhou 50 mil dólares por sua vitória no primeiro *Ultimate Fighting Championship* (UFC) (AWI, 2012).

As regras eram muito simples: com exceção de morder e de colocar o dedo no olho, tudo era permitido nos primeiros UFC - nome dado ao evento que apresenta diversas lutas na mesma noite. Não havia classificação de peso, rounds, tempo limite, júris nem pontuações; o único final possível era por nocaute ou submissão. Participavam atletas de diferentes modalidades - boxe, caratê, luta livre, *kickboxing*, *jiu-jitsu* e *muay thai*, entre outras -, que competiam para resolver uma questão que norteia a história das lutas: "quem é o mais forte entre os fortes" - ou melhor, quem tem mais força, resistência ou, então, uma forma combinada de ambas as capacidades (BOTTENBURG; HEILBRON, 2006) -, e para comprovar que uma determinada modalidade de luta sobrepõe-se sobre outra.

Os vídeos desses primeiros eventos mostravam sangue e avisos de imagens chocantes. As palavras e imagens selecionadas pelos organizadores enfatizavam que esse era o teste de força e eficiência

de uma modalidade sobre a outra: "dois homens encaram-se no ringue sem nenhuma regra"; e enfatizavam também a ferocidade e crueldade do evento. A gaiola em forma de octógono, que se tornou símbolo do evento, retratava os sentimentos de agressividade e violência, algo que as empresas de marketing tomaram como vantagem (AWI, 2012).

Ao constatarem o nível de violência nessas lutas, órgãos governamentais estadunidenses realizaram discussões populares e políticas acerca de sua legitimidade. O senador republicano John McCain liderou, a partir de 1996, uma campanha política contra esta forma de luta, pedindo aos governadores que proibissem os eventos nos estados - esse movimento, apoiado pela *American Medical Association*, surtiu efeito. No entanto, o maior prejuízo para os organizadores ocorreu de 1997 a 2000, quando a maioria dos canais de TV pagos aceitou a pressão política e recusou-se a transmitir os eventos. Neste momento, o mercado lucrativo do UFC estava à beira da falência (BOTTENBURG; HEILBRON, 2006).

Devido às pressões financeira, política e social para que as lutas fossem mais civilizadas, passa-se a discutir sobre a necessidade de regras que preservem a integridade física do atleta - e, é claro, para serem socialmente aceitas. Entre as novas regras, foi proibido dar cabeçadas, quebrar dedos, puxar cabelo e pôr o dedo na boca ou narina do oponente. Introduziu-se a classificação por peso. Mudou-se o nome agressivo da luta de *ultimate fight* para MMA (abreviação do inglês *mixed martial arts*). E garantiu-se a intervenção do árbitro na luta mais rapidamente quando necessário, e as câmeras deveriam afastar-se mais rapidamente quando houvesse um lutador seriamente ferido. Assim, as lutas andavam em uma linha de re-esportivização¹ de seus formatos.

¹Autores como Bottenburg e Heilbron (2006 e 2010) indicam que o processo de esportivização das lutas ocorreu com o advento da Modernidade, enquanto que um processo de desesportivização sucedeu quando da criação de eventos com poucas regras restritivas à violência, incluindo aí os primeiros *UFC*. Quando esta modalidade se transforma em MMA, aumentando o número de regras restritivas à violência, o MMA vive um processo de re-esportivização de seu formato. Sanchez-García e Malcolm (2010) afirmam que essa diminuição das regras restritivas à violência é resultante de um processo de informalização, ou seja, de relaxamento dos controles sociais e de relações sociais menos formais.

No Brasil, inspirado nas competições de vale-tudo, o MMA surge por volta dos anos 1980², com a popularização do *jiu-jitsu*, principalmente pela introdução e recriação deste esporte pela família Gracie³. Seus praticantes dizem que essa luta possui a técnica mais eficiente para derrotar o adversário em "lutas reais". Por isso, tem sido promovida como esporte de competição, como forma de defesa pessoal e até mesmo como forma de treinar órgãos da polícia e do exército.

É preciso reconhecer que as práticas esportivas, assim como as lutas esportivizadas, são formas de luta simbólica, representações do real. Elas surgem em determinado momento histórico com características claras de restrição e diminuição dos atos de violência permitidos (ELIAS, 1992a). O MMA, apesar de possuir características de esporte - comparação de desempenhos, universalização das regras, instituição própria, entre outras -, apresenta na sua prática mais violência que o *jiu-jitsu* e que outras modalidades de lutas esportivizadas. É nesse sentido que se questionam os níveis socialmente aceitáveis de violência na prática do MMA, como os praticantes compreendem esta violência e como os telespectadores percebem esta violência inerente aos combates.

Ainda é fundamental ressaltar que, com a centralidade na mídia, o MMA passa a fazer parte do cotidiano das crianças e dos jovens, tendo relevância como manifestação da cultura corporal. Com base nisso, é possível compreender como essa luta pode estabelecer um diálogo simbólico entre os desejos dessas faixas etárias e a sua

²Lutas com poucas regras ocorrem desde primórdios da humanidade, no entanto, durante o século XX houve aproximações e hibridizações entre modalidades de lutas: nos anos 60 e 70, ocorreram diversos eventos entre lutadores estadunidenses e japoneses; enquanto que no Brasil houve eventos de lutas com poucas regras (muitas vezes lotando estádios de futebol e sendo transmitidas pelos meios de comunicação de massa) de membros da família Gracie (representantes de *jiu-jitsu*) contra lutadores de judô, capoeira, entre outros; principalmente para comprovar a eficácia de uma luta sobre outra.

³A família Gracie é uma composta de lutadores brasileiros originários de Belém-PA. Os patriarcas Carlos Gracie e Hélio Gracie aprenderam as técnicas do *jiu-jitsu* na década de 10 do século XX com o japonês Mitsuyo Maeda, um discípulo de Jigoro Kano. É a grande responsável pelo desenvolvimento do estilo de arte marcial brasileira conhecido hoje como *jiu-jitsu brasileiro*, *Brazilian Jiu-jitsu*. Desenvolveram estas técnicas para que um lutador menos pesado possa derrotar um oponente mais pesado usando estrangulamentos, alavancas, imobilização e torções.

concretização. Ou seja, houve massificação⁴ do MMA também porque essa luta reflete o interesse e os anseios dos seus telespectadores fidelizados.

Por se concretizarem como práticas importantes da cultura de movimento, a Educação Física escolar, principalmente desde os anos 1990 (SOARES *et al.*, 1992; BRASIL, 1997), considera que as lutas são um dos conteúdos a serem desenvolvidos na educação básica. Porém, se por um lado a escola reproduz as manifestações da sociedade, por outro deve selecionar as representações que realmente proporcionam aos alunos uma leitura relevante da realidade, possibilitando, assim, sua inserção transformadora nessa realidade. Assim, questiona-se como a Educação Física escolar deve lidar com esta manifestação que produz cenas de violência.

Nesse sentido, alguns trabalhos indagaram a violência presente no conteúdo lutas na escola (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007, LIMA JUNIOR; CHAVES JUNIOR, 2011, UENO, 2011); no entanto, não foram encontrados estudos que discutissem no contexto escolar o MMA - possivelmente por sua massificação no Brasil ser recente e por haver dúvidas quanto à sua legitimidade do MMA na escola.

Dada essa conjuntura - constituída pela massificação dos eventos e pela sua prática no Brasil, suas possíveis implicações no ambiente escolar e a relação, ainda que simbólica, dessa modalidade de luta com a violência -, pretende-se refletir sobre o MMA como manifestação sociocultural do campo das lutas/esportes e o seu tensionamento com a Educação Física escolar. Acredita-se que tais reações podem ser relevantes como instrumento de crítica, com vistas ao aprofundamento do debate e reflexões sobre essa prática em ambiente escolar.

⁴O Brasil é considerado atualmente o terceiro maior mercado consumidor do UFC, ficando atrás de EUA e Canadá. Porém, há previsões de que brevemente passe a ser o segundo maior mercado. Em: <<http://sportv.globo.com/site/eventos/combate/noticia/2012/11/canada-luta-para-se-manter-como-o-segundo-mercado-do-ufc-no-mundo.html>>. Acesso em: 30 nov. 2012. Além de ter tradição nas lutas com poucas regras, contribui para a massificação do MMA no Brasil ser o segundo país que tem mais lutadores no UFC e mais cinturões, perdendo somente para os EUA.

Essa análise tem características de um ensaio reflexivo, que teve como base de análise uma ampla revisão bibliográfica. Foram buscados artigos, teses, dissertações e livros nacionais e estrangeiros nas bases de dados dos periódicos da Capes, na plataforma Lattes, Scielo, Bireme, Pubmed e Google Scholar. Os descritores utilizados foram: MMA, artes marciais mistas, lutas; e suas combinações com: escola, Educação Física escolar, violência, mídia/espetáculo e sociologia; bem como suas traduções para o inglês. Após o levantamento inicial, foram selecionados os textos relacionados ao tema, colaborando, assim, para a reflexão das possíveis implicações do MMA na Educação Física escolar.

2 ESPORTE, ESPETÁCULO E MMA

O MMA, enquanto fenômeno esportivo com menor restrição à violência, pode ser melhor compreendido com base nos conceitos de tensão, excitação e civilização propostos por Norbert Elias. Comportamentos públicos de excitação são cada vez menos frequentes nos indivíduos, principalmente por um aumento no controle social e pelo autodomínio da excitação exagerada. Por isso, Elias (1992b) sugere que busquemos nas atividades esportivas um tipo específico de tensão, uma forma de excitação frequentemente relacionada com o medo, a tristeza e outras emoções que procuraríamos evitar na vida cotidiana. Incrementar, assim, o nível de tensão é um dos motivadores para as modalidades esportivas terem suas regras modificadas. Finalmente, a satisfação se dá pelo desenvolvimento de uma agradável tensão-excitação entre sentimentos opostos, controlados por meio das regras esportivas, de paixão e raiva, conforto e desconforto, frustração e alegria, etc.

O aumento da sensibilidade em relação à violência foi uma das características fundamentais para a transformação dos jogos das classes populares e da nobreza inglesa em práticas pautadas pelas

características do esporte⁵, processo que se deu o nome de esportivização, ou esportivização inaugural (BRACHT, 2009, GONZÁLEZ, 2004, ELIAS, 1992a). O aumento da sensibilidade resultou em uma menor capacidade de tolerância à violência. Assim, a violência física somente era socialmente aceita sob condições restritas e em locais específicos, como os clubes de boxe e luta livre (ELIAS; DUNNING, 1992). As lutas na sociedade moderna surgem, então, com uma diminuição dos níveis aceitáveis de violência.

Consequentemente, de acordo com Riesman e Denney (1971), as lutas enquanto esporte moderno são mais "abstratas", mais afastadas dos "combates sérios". Ou seja, tornam-se uma representação mais simbólica e "menos real" de uma violência, de uma "briga de rua". Apesar dessa tendência civilizadora, em diversos momentos do século XX, de forma paralela às lutas esportivizadas surgem combates com poucas ou mesmo sem regras, processo denominado de desesportivização.

Os organizadores do *UFC* adaptaram essas formas de lutas com poucas regras para o formato televisivo nos moldes de um espetáculo. Uma forma de espetacularizar o esporte, segundo Pires (1998), é adotar a linguagem visual da televisão, de modo que a mensagem veiculada seja sempre e cada vez mais contundente, mantendo e ampliando os níveis de lucro representados pela mercadoria e garantindo a estabilidade do sistema.

As modalidades esportivas usualmente realizam mudanças estruturais para se adequarem aos interesses dos meios de comunicação - principalmente a televisão - e serem atraentes ao mercado consumidor, tais como mudar as regras visando aumentar a tensão dos consumidores, reduzir o tempo "sem ação", adequar o tempo total do enfrentamento; e introduzir paradas estratégicas para

⁵O esporte é entendido, segundo González (2004), como uma prática: a) orientada a comparar determinado desempenho entre indivíduos ou grupos; b) regida por um conjunto de regras que procuram dar aos adversários iguais condições de oportunidade para vencer a disputa e, dessa forma, manter a incerteza do resultado; e c) com regras institucionalizadas por organizações que assumem (exigem) a responsabilidade de definir e homogeneizar as normas de disputa e promover o desenvolvimento da modalidade, com o intuito de comparar o desempenho entre diferentes atores esportivos.

veicular mensagens comerciais. Há exemplos no futebol, em que o goleiro não pode segurar a bola por mais de seis segundos, nem segurá-la com a mão quando é recuada com o pé; no voleibol, que introduziu novos sistemas de pontuação, deixando o jogo mais atraente e com tempo máximo de duração previsível; no handebol, em que o reinício da partida após o gol pode ocorrer com a equipe adversária em qualquer lado da quadra, acelerando o jogo e aumentando a tensão; no basquetebol, que permitiu o toque no aro da cesta, possibilitando enterradas que provocam momentos de excitação entre os espectadores; entre outros.

Além disso, o processo de espetacularização do esporte midiático implica a oferta de atrações complementares para além da disputa propriamente dita, como o agendamento esportivo, a personificação do evento, a veiculação de programas com subsídios para o conhecimento da modalidade e o desenvolvimento de estratégias destinadas a prender a atenção dos espectadores (PIRES, 1998, BETTI, 2001).

Como expressão dessa lógica, o MMA é um evento criado principalmente para o telespectador, pois a maior parte da renda do programa advém da transmissão via *pay-per-view* e da venda dos direitos de transmissão televisiva das lutas - considerando que a extrema maioria dos seus consumidores assiste às lutas (e seus outros programas esportivos) pela televisão. Conforme Betti (2001), o telespectador não tem a vivência real de assistir, já que quando consome pela televisão, não tem só o seu gosto manipulado pela influência do mercado, mas também a sua própria capacidade perceptiva alterada, já que os sentidos ali vivenciados são diferentes dos do mundo real (mundo hiper-real). A imagem do telespectador é parcial e dependente de outros, e a subdivisão das imagens, imposta pela técnica de reprodução do espetáculo, é um componente fundamental que independe da vontade do telespectador e foge da sua capacidade de alterar a situação.

O primeiro evento, idealizado por Rorion Gracie, contava com o publicitário Art Davie, o diretor de Hollywood John Milius (de Conan, o bárbaro) e com uma empresa de entretenimento televisivo.

Ou seja, a instituição promotora não era uma associação esportiva, mas sim um professor de *jiu-jitsu* e um grupo de publicitários e produtores televisivos de Hollywood. O objetivo era maximizar os índices de audiência para obter lucro - e sabiam que bastava estimular a violência para conseguir a adesão do público de modo muito eficiente (BOTTENBURG; HEILBRON, 2006). Pode-se dizer que é uma manifestação construída de forma a garantir a reação do público, compreensão que se confirma em um estudo experimental realizado por Wenner (1998): que o aumento da agressividade do atleta está diretamente relacionado ao aumento da audiência. A emoção provocada no público teria, assim, um efeito encantador, exercendo identificação e atração. Percebe-se, então, a exploração de emoções relacionadas à violência como um dos principais focos do espetáculo do MMA.

Assim é que a grande maioria consumidora do MMA interessa-se mais no prazer em transgredir regras e convenções sociais do que nas técnicas e especificidades das modalidades de lutas utilizadas. No entanto, os meios de comunicação têm interesse em fazê-las compreender também as técnicas e especificidades do MMA, já que o consumidor com mais conhecimento técnico tende a se aproximar mais da modalidade e, conseqüentemente, a consumi-la mais.

Para chegar a esse objetivo, a lógica da produção e veiculação do reality show (assim como das reportagens e de outros programas⁶) é a de fazer com que os consumidores adentrem nesse mundo para melhor conhecer os lutadores, as técnicas, a lógica interna do espetáculo. É uma forma de fazer com que tenham mais informação sobre o universo esportivo, e também recebam um "agendamento

Na TV brasileira, há transmissão de diversos programas de MMA: as lutas denominadas Ultimate Fighting Championship (UFC) e o reality show The Ultimate Fighter (TUF - versão brasileira de programa criado pela empresa que produz o UFC e diversas vezes produzido na TV dos Estados Unidos) na TV Globo, o programa semanal Lendas do UFC no canal Multishow, do mesmo conglomerado televisivo, outros programas pontuais como o Profissão Repórter da TV Globo de 10/04/2012 dedicado ao tema, além de reportagens exibidas em diversos programas de canais abertos e pagos da TV brasileira. Há ainda o canal pay-per-view Combate, da Globosat, cujo boa parte da programação inclui reprises de lutas já realizadas e programas dedicados ao MMA.

esportivo". Na verdade, a intenção é que os consumidores tenham mais interesse também em assistir às lutas. Diante de um cenário voltado à emoção, os telespectadores vêm sendo gradualmente atraídos ao MMA.

Essa atração se dá não somente pela produção de tensão decorrente do combate em si como nos esportes tradicionais, mas também pela tensão de quebrar normas de violência amplamente aceitas, o que Collins (2004) chama de "tensão antinomial". Baseada na transgressão de normas, a excitação antinomial é produzida indo além dos limites normais: mostra nocautes dramáticos, "violência real" ou lutas entre lutadores muito diferentes. É baseada em vivenciar aquilo que é comumente proibido ou inacessível. Ao contrário da tensão nos esportes tradicionais, a tensão antinomial não exige conhecimento prévio nem identificação com um lutador específico ou com um estilo de luta. Ela não é a excitação do jogo, mas a excitação do extraordinário que é vivenciado quando regras básicas são quebradas, e todos ficam chocados.

3 MMA: NEGAÇÃO OU INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Conforme já referido, a massificação das artes marciais mistas (MMA) vista atualmente na realidade brasileira fez com que esta modalidade de luta esteja presente no nosso cotidiano ao assistir à televisão, nas rodas de conversa e, também, no cotidiano das crianças e jovens. Impulsionado pelos meios de comunicação, o MMA se faz presente na sociedade brasileira com uma força talvez nunca antes vista com uma modalidade de luta.

Essa modalidade apresenta, desde sua re-esportivização, características de esporte, ou seja, possui um número de regras para controlar ações de violência, é regulamentada por uma instituição própria, cria um balanço de tensão-excitação agradável (ao menos para parte da população) e tem confronto entre dois adversários a partir do movimento corporal. Diferentemente de outras modalidades tradicionais de lutas, como o judô e o caratê, o MMA já surge como espetáculo, o que contribui para sua comercialização e disseminação.

A mistura de diferentes modalidades de luta que caracteriza em parte o MMA pode acarretar em uma perda de espaço de lutas tradicionais e sua conseqüente marginalização, passando estas a serem utilizadas como instrumentos para alcançar maiores resultados nos combates de MMA. Essa marginalização das lutas tradicionais juntamente com a força do MMA como prática corporal emergente pode influenciar significativamente na inclusão desta como tema do conteúdo lutas da Educação Física escolar. E, ressalte-se, o MMA pode inclusive viver algo que as lutas ainda não viveram na escola: impulsionada pelo poder midiático, ser reivindicada pelos alunos como conteúdo escolar.

Esse tensionamento, apesar de carecer de achados empíricos, possivelmente circunde o ambiente escolar. Talvez, a maior tensão da Educação Física frente à aproximação do MMA parece ser entre a inclusão - como parte do conteúdo "lutas" na Educação Física escolar devido à sua enorme massificação, e como luta culturalmente produzida, visto que os conteúdos devem emergir da realidade concreta e dinâmica (SOARES *et al.*, 1992) -, e sua negação e afastamento da escola em decorrência de (ainda) não se constituir como uma prática cultural amplamente aceita, principalmente por sua relação, mesmo que simbólica, com a violência.

Os esportes, assim como as lutas esportivizadas e o MMA, são formas de luta simbólica (ELIAS; DUNNING, 1992). O aumento da civilidade fez com que manifestações explícitas de violência física em disputas não fossem mais toleradas; assim, jogos cruéis e violentos existentes até então foram transformados em esportes com regras específicas com a diminuição de atos de violência. Dessa forma, as lutas esportivizadas da sociedade moderna são uma forma de luta simbólica com regras específicas para combater atos de violência real, e atos de transgressão às regras tanto de atletas como de espectadores são punidos severamente.

Na realidade, a tolerância à violência, mesmo que simbólica, depende de fatores históricos, socioculturais e individuais. Indivíduos ou grupos próximos às modalidades de lutas/artes marciais tendem a ver menos violência no MMA do que aqueles distantes deste

ambiente, principalmente por possuírem mais "conhecimento sobre o universo" das lutas e do MMA. Ocorre que a massificação do MMA faz com que as pessoas tenham mais "conhecimento sobre este universo", inclusive por próprio interesse midiático; e, por essa razão, possam ser cada vez mais tolerantes à violência simbólica do MMA. Essa forma de naturalização da violência, mesmo que cada vez mais simbólica, é alvo de críticas. Contudo, parece haver uma necessidade humana em saber quem é o mais forte entre os fortes, mesmo que simbolicamente.

Outro fator que deve ser levado em consideração, nesse momento, sobre a inclusão ou não do MMA nas aulas de Educação Física, é o receio de professores abordarem um conteúdo que, provavelmente, não tiveram formação específica, aliado ao pequeno número de publicações que poderiam subsidiar a atuação docente.

É bem verdade que, de modo geral, o conteúdo lutas sempre encontrou dificuldades de se inserir de fato no currículo escolar. Historicamente, a Educação Física escolar priorizou o ensino de esportes e ginásticas, influenciada pelas concepções higienista, militar e esportivista, dificultando o ensino das lutas como conteúdo. Segundo Nascimento e Almeida (2007), outros fatores dificultam ainda hoje as possibilidades de trato pedagógico deste conteúdo, como a falta de vivência pessoal em lutas pelos professores, tanto no cotidiano como no âmbito acadêmico; e a preocupação com a violência, considerada por vezes como intrínseca às lutas.

Nesse sentido, algumas questões surgem: O MMA deve ou não ser abordado/tematizado na Educação Física escolar? Se as lutas encontram dificuldades em se estabelecerem no currículo real das escolas, é possível incluir o MMA? O MMA deve ocupar o espaço das lutas tradicionais nas aulas de Educação Física?

Essas indagações estão associadas ao debate de seleção, organização e sistematização dos conteúdos escolares. Apesar de avanços teóricos, este ainda é um desafio enfrentado pelos professores de Educação Física (O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar?), refletido na pequena diversificação de conteúdos.

Quanto a isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) entendem a Educação Física escolar como uma disciplina (componente curricular) que introduz e integra o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (DARIDO, 2005a). As lutas, nesse sentido, são um dos conteúdos da Educação Física escolar que se caracteriza por "disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa" (BRASIL, 1997, p.32).

Consideram-se conteúdos escolares a seleção de formas ou saberes culturais, cuja assimilação é essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada do aluno. Concordando com Libâneo (1994), é importante ressaltar que nem todos os saberes e formas culturais são suscetíveis de constarem como conteúdos curriculares, exigindo uma seleção rigorosa da escola. Conteúdos seriam, assim, a base objetiva da instrução, os conhecimentos sistematizados referidos aos objetivos e viabilizados pelos métodos de transmissão e assimilação (DARIDO, 2005b). Para reforçar essa afirmativa, pode-se dizer que conteúdos não são transmitidos apenas como forma cognitiva de conhecimento, mas como um conhecimento com dimensões conceitual, procedimental e atitudinal.

Segundo Soares *et al.* (1992), dentre os critérios para seleção dos conteúdos para as aulas de Educação Física, deve-se observar a relevância social do conteúdo, este deve emergir da realidade concreta e dinâmica dos sujeitos e sua apreensão deve contribuir para a leitura crítica da realidade. Ainda, os conhecimentos constituintes do currículo deverão ser aqueles clássicos, que se estabeleceram como fundamentais ao longo dos anos, e os contemporâneos, que garantirão aos alunos acesso ao que há de mais moderno/novo em relação à cultura corporal.

Ao analisar o MMA, percebe-se que o mesmo é uma produção que integra a cultura corporal, assim, passível de ser tematizado nas aulas de Educação Física. Esta manifestação se configura como uma prática emergente, sua apreensão contribuirá na formação de telespectadores críticos e conscientes, de futuros praticantes instruídos de conhecimentos científicos. Com isso, sobre a dúvida aqui levantada da sua possível inclusão nas aulas de Educação Física, nota-se que a sua tematização é mais que justificável; na conjuntura atual, é necessária. Veja que negligenciar este debate no âmbito escolar pode alimentar equívocos fomentados pela mídia, e a proliferação de consumidores pouco conscientes.

As dúvidas, incertezas e dificuldades que afligem os professores quando há intenção de tratar do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física, talvez persistam de maneira semelhante ao pensarem em abordar o MMA. Contudo, este tema, devido a sua presença na mídia, possa ser mais bem aceito pelos alunos, e até ocorram pedidos de sua presença ou aconteça uma adesão significativa, possibilitando que a sua utilização, inclusive, seja uma estratégia de introdução das lutas na dinâmica curricular. Quanto ao ensino das lutas de maneira geral, o estabelecimento do debate de desmarginalização desse conteúdo no ambiente escolar poderia ser iniciado com a sua inclusão de fato no currículo da Educação Física (ESPARTERO; GUTIÉRREZ, 2004).

É importante destacar que o ato de lutar, como criação humana, que atendeu aos interesses históricos e sociais do homem ao longo do tempo, se apresenta como conhecimento essencial que deve compor a formação do aluno em relação aos conhecimentos da cultura corporal. A luta, seu conceito e seus significados históricos, classifica-se como um clássico, que persistirá no tempo, assim como o esporte, que se manteve para além de suas diversas modalidades extintas. Nesse sentido, a luta como criação humana deve ser tratada nas aulas de Educação Física, enquanto que dentre as modalidades que surgiram como desdobramentos, somente serão tratadas aquelas que se apresentarem como importantes naquele contexto. Com isso,

o que irá dizer se o MMA irá ocupar o espaço de uma ou outra modalidade de luta na Educação Física escolar é o momento e o contexto histórico.

Um desses fatores que dificultam a abordagem do conteúdo lutas na escola é a sua associação com a violência (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007, RUFINO; DARIDO, 2011). Nascimento e Almeida (2007) questionam se o trato das lutas na escola realmente contribuiria para suscitar comportamentos violentos, indesejáveis neste contexto, e apresentam um relato de experiência do ensino das lutas onde afirmam que o ensino das lutas não despertou manifestações de violência nos alunos. Porém, ressaltam os autores que tal condição depende da prática pedagógica do professor. Lima Junior e Chaves Junior (2011), ao tratarem pedagogicamente as lutas na escola, constataram que a maioria dos alunos após as aulas (92%, n=74) afirmou que as lutas não geram violência. No entanto, seis alunos ainda acreditavam após as aulas que as lutas geram violência.

Olivier (2000) posiciona-se no sentido de que as lutas na escola, sistematizadas e pedagogicamente pensadas e conduzidas, servem como importante elemento para a criança gerir e controlar a complexidade das relações violentas. Ou seja, a restrição à violência existente no seio das regras das lutas como manifestação esportiva poderia auxiliar a criança a controlar seus impulsos violentos. Considerando a exposição extrema de crianças a imagens violentas na sociedade, a escola assume um papel que a ela não pode ser negado, de possível detentora de "contra-poder", conscientizando para e sobre estes fatores. Outro argumento é que em outras práticas da Educação Física escolar, como os esportes, a violência também pode se manifestar, tanto em jogadas ríspidas e mal-intencionadas como no aspecto verbal. A exclusão dos menos habilidosos ou das meninas das práticas esportivas também pode ser considerada uma forma de violência.

Na perspectiva de tratar o MMA nas aulas de Educação Física, vários temas poderiam ser discutidos, como: o MMA e a mídia; a

esportivização desta luta; a violência presente nos combates; a nutrição e o controle do peso dos lutadores; sua constituição histórica; as modalidades e técnicas mais utilizadas pelos lutadores; sua profissionalização; o MMA e seus "donos"⁷; o MMA e as mulheres; dentre outros. Contudo, essas discussões devem estar associadas às experiências corporais dos alunos, para que a Educação Física não se transforme em um componente que apenas fala e reflete sobre as práticas corporais humanas. Para isso, o professor poderia propor, como exemplo, atividades em duplas onde um aluno pudesse utilizar de imobilizações e o outro de simulação de contusões (chutes, socos etc.), para que os mesmos vivenciassem a dinâmica onde técnicas diferentes/mistas são confrontadas. Uma alternativa seria explorar a experimentação de sequências de técnicas de diferentes lutas, como soco, projeção e imobilização. É fato que as possibilidades de ensino serão mais bem construídas a partir dos contextos próprios, o que se objetiva aqui é evidenciar que as experimentações, além de possibilitarem a apreensão do fazer corporal presente no MMA, contribuirão para que os alunos avancem no entendimento desta modalidade e cheguem a conclusões fundamentadas, sem necessariamente se conformarem a essa prática, mas refletirem sobre a sua legitimação ou negação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e questionamentos apresentados neste artigo sugerem que o tema MMA necessita de ser debatido com profundidade, urgentemente, no meio acadêmico. A Educação Física escolar carece de conhecimentos científicos que possam subsidiar as intervenções de seus professores. Por outro lado, o MMA adentra rapidamente, e com uma frequência cada vez maior, as casas dos jovens brasileiros, através do rádio, da internet e, principalmente, da televisão. Os responsáveis por conduzir esta nova modalidade

⁷Os eventos de MMA, geralmente, são organizados por empresas privadas, que determinam as regras e os adversários dos lutadores, inclusive as disputas de cinturão, como ocorre no UFC. Até então, não se têm claros os critérios que credenciam um lutador a disputar o título nesta organização.

almejam a aceitação e comercialização deste produto/espetáculo, gerando inclusive desejos antes só promovidos, no Brasil, pelo futebol, quais sejam: o de ser um profissional e ganhar muito dinheiro com esta prática.

O espaço ocupado pelo MMA, ao mesmo tempo em que engendra tensionamentos no sentido de incluir esta produção corporal nas aulas de Educação Física, já que os jovens necessitam de conhecimentos para adotar um agir autônomo frente a esta modalidade, também gera dúvidas de como proceder no cotidiano das aulas? Como equacionar, no ambiente escolar, a vinculação da violência contida nesta prática? Como será o posicionamento da direção da escola, e a reação de pais e mães? O fato é que tanto a comunidade acadêmica quanto a Educação Física escolar terão que se posicionar frente ao avanço do MMA.

MMA and School Physical Education: the fight will start

Abstract: The MMA - fruit of an historical tension between the search for the strongest and the violence tolerance socially admitted - became extremely popular in Brazil, being discussed also by children and adolescents. It seems to be culturally relevant for school Physical Education, so that may occupy the space (wispy occupied) of the traditional fights in Physical Education. However, fights violence, teachers' poor training and communities' non acceptance may move away from the students scientific knowledge about MMA. This way, we discuss MMA as a sociocultural expression and its tension with school Physical Education.

Keywords: MMA. Fight. Sport. School Physical Education.

MMA y Educación Física Escolar: la lucha va a empezar

Resumen: El MMA - resultado de una histórica tensión entre la busca por el más fuerte y la violencia socialmente aceptable - se ha tornado muy popular en Brasil, tornándose objeto de debates también entre niños y adolescentes. Parece ser una manifestación cultural importante para la Educación Física y que, incluso, puede tomar el puesto (poco ocupado) de luchas tradicionales en la Educación Física. No obstante, violencia en luchas, escasa formación de maestros y rechazo de la comunidad pueden alejar de los estudiantes el conocimiento científico de esta modalidad. Así, discutimos el MMA como manifestación sociocultural y su tensión con la Educación Física.

Palabras-clave: MMA. Lucha. Deporte. Educación Física escolar.

REFERÊNCIAS

AWI, F. **Filho teu não foge à luta**: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 12, n. 17, 2001.

BOTTENBURG, M.V.; HEILBRON, J. De-sportization of fighting contests: the origin and dynamics of No Holds Barred events and the theory of sportivization. **International Review for the Sociology of Sport**, Los Angeles, v. 41, n. 3-4, p. 259-282, 2006.

BOTTENBURG, M.V.; HEILBRON, J. Informalization or de-sportization of fighting contests? A rejoinder to Raúl Sánchez García and Dominic Malcolm. **International Review for the Sociology of Sport**, Los Angeles, v. 46, n. 1, p. 125-127, 2010.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLLINS, R. **Interaction ritual chains**. Princeton: University Press, 2004.

DARIDO, S.C. Parâmetros curriculares nacionais. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005a. p.311-313.

DARIDO, S.C. Conteúdos escolares. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005b. p. 97-99.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a. p. 187-222.

ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 39-100.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 101-138.

ESPARTERO, J.; GUTIÉRREZ, C. **El judo y las actividades de lucha en el marco de la Educación Física escolar**: una revisión de las propuestas y modelos de su enseñanza. 2004. Disponível em: <<http://www.unex.es/eweb/cienciadeporte/congreso/04%20val/pdf/0eljudo.pdf>> Acessado em: 28 out. 2011.

GONZÁLEZ, F.J. Esportivização. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 170-174.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA JUNIOR, H.C.; CHAVES JUNIOR, S.R. Possibilidades das lutas como conteúdo na Educação Física escolar: o confronto em uma abordagem pedagógica com alunos da 6ª série em um colégio estadual do município de Guarapuava-PR. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 69-80, 2011.

NASCIMENTO, P.R.B.; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, 2007.

OLIVIER, J.C. **Das brigas aos jogos com regras**: enfrentando a indisciplina na escola. Tradução de Heloísa M. Rosário. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIRES, G.L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

RIESMAN, D.; DENNEY, R. Football in America: a study in culture diffusion. In: DUNNING, E. (Org.). **The sociology of sport: a selection of readings**. Londres: Frank Cass, 1971.

RUFINO, L.G.B.; DARIDO, S.C. A separação dos conteúdos das "lutas" dos "esportes" na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-17, 2011.

SÁNCHEZ-GARCÍA, R.; MALCOLM, D. Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. **International Review for the Sociology of Sport**. v.45, n.1, p.39-58, 2010.

SOARES, C.L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

UENO, V.L.F. Reflexões sobre a relação agressividade e lutas. In: CONGRESSO GOIANO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 7, 2011. **Anais...** Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/7congoce/VII/schedConf/presentations>> Acesso em: 27 abr. 2012.

WENNER, L.A (Org.). **MediaSport**. Londres: Routledge, 1998.

Endereço para correspondência:

Daniel Giordani Vasques

Rua Os 18 do Forte, 1870. Centro.

95020-472. Caxias do Sul-RS.

Recebido em: 11.03.2013

Aprovado em: 26.06.2013